



WILDER DALA QUINJANGO
Superando desafios, inspirando mentes
com paixão e propósito



CEU INACIO MONTEIRO

Cuidando da segurança e do bem-estar da comunidade



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjangó (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 60 (ago. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 338 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI: <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.60>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

José Wilton dos Santos

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

10 O QUE VEM AÍ? "DIREITO E SOCIEDADE"

Mirella Clerici

11 POIESIS

14 PLANO DE PROTEÇÃO E GUARDA

CEU INÁCIO MONTEIRO

46 RELATO DE CASO

INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO ARTICULADOR NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela dos Santos Magalhães

12 DESTAQUE

WILDER DALA QUINJANGO

ARTIGOS

1. EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL - ANA MARIA DAINAUSKAS SOARES	52
2. POTENCIALIZANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA CRIATIVIDADE - ANGÉLICA RODRIGUES VALENTIN	60
3. GESTÃO ESTRATÉGICA E SEU IMPACTO ORGANIZACIONAL. ESTUDO DE CASO NA EDIÇÕES NOVEMBRO, EMPRESA PÚBLICA 2023 - ANGELINA DE FÁTIMA CHITUNDO ESTÉVÃO YOPILO	70
4. ENTRE SABORES E SABERES: A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA FORMAÇÃO INFANTIL - AUREA CARVALHO DE SOUZA	77
5. A COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O ALCANCE DOS OBJETIVOS ORGANIZACIONAIS EM ANGOLA - DANIEL PEDRO JOSÉ	82
6. ESTUDO DE CASO NA DIREÇÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BELAS, ANGOLA - DOMINGOS ELIAS SACHICO	86
7. UMA ABORDAGEM PRELIMINAR NA EMPRESA SIABONGA COMERCIAL, LDA NO I SEMESTRES DE 2024 - DOMINGOS FERNANDO CASSUENDE LUCUNDE	93
8. O ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA - DORIVALDO DA GRAÇA GUEDES TAVARES / EDMILSON DOS PRAZERES DA SILVA	97
9. ESTUDO DE CASO EMPRESA ISABELINHA COMERCIAL 2023 A 2024 - EDSON MARIA SEBASTIÃO JORGE	106
10. A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - ELISETE VICENTE DA SILVA OLIVEIRA	114
11. COMUNICAÇÃO INTERNA: FACTORES QUE INFLUENCIAM A COMUNICAÇÃO INTERNA NAS ORGANIZAÇÕES - ESTEVÃO QUIXINA CASSULE	133
12. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHO: "CASO DA EMPRESA WILVIMAR COMERCIAL, LDA 2021-2022" - EUNICE MUANSA MUESHI	139
13. O MARKTING DE RELACIONAMENTO NAS ORGANIZAÇÕES COMO FACTOR DE QUALIDADE NO ATENDIMENTO - FELICIANA DA CRUZ VICENTE MANUEL	146
14. IMPORTÂNCIA DA GESTÃO FINANCEIRA NAS ORGANIZAÇÕES ESCASSO EMPRESA INTERSACHI, LDA-ANGOLA - FERNANDO SANJI	154
15. AVALIAÇÃO CRITERIAL EM ANGOLA: UMA ANÁLISE DAS FASES EXPERIMENTAIS DOS EXAMES NACIONAIS - FORTUNA NETO FIGUEIREDO VITANGUI	158
16. A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL - GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI	169
17. ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO ORAL DO PROFESSOR PARA FOMENTAR O PENSAMENTO CRÍTICO E A PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL - INGRID DA SILVA CAVALCANTE DE PAULA	176
18. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUEBRANDO ROTINA DO ENSINO TEÓRICO - JOAQUIM PEREIRA BRAVO	182
19. OS DESAFIOS DO MARKETING DIGITAL NO CONTEXTO ONLINE: A SEGMENTAÇÃO DE MERCADO DAS MPMEs EM MALANJE EM 2025 - JOSÉ CAMPOS KIFUBA	192
20. BIOFILIA DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR: COMO FAZER? - JULIANA DA SILVA OLIVEIRA	204
21. EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA: O QUE DIZEM AS ESCOLAS PÚBLICAS? - LUZINETE BISPO DOS SANTOS	213
22. IMPACTO DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NO COMPLEXO ESCOLAR SANTO ANTÓNIO NO MUNICÍPIO DE MAQUELA DOZOMBO, PROVÍNCIA DO UÍGE - MANUEL ESTEVES MUTALO COA	222
23. ESTUDO COMPARATIVO DA GESTÃO ESTRATÉGICA DA CADEIA DE VALOR DA REFRIANGO, LDA E DA COCA-COLA BOTTLING 2018-2020 - MANUEL LIGAS ANTÓNIO	229
24. ARTE E A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO - MARCELO SANTOS DE MASCARENHAS	234
25. A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOBRE OLHARES DE GRANDES AUTORES - MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES	241
26. APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO BALANCED SCORECARD NAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS ANGOLANAS.CASO: BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO BPC (2020 - 2022) - MARIA MVÚ ANDRÉ DONDO	247
27. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR - MARIANGELA DE JESUS CHAGAS	251
28. ÉTICA SILENCIADA: FRAGILIDADES DA FISCALIZAÇÃO DISCIPLINAR NA OAB E PROPOSTAS DE REFORMA - MIRELLA CLERICI	258
29. ESTUDO SOBRE FUNDOS DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO EM ANGOLA - NELITO ANTÓNIO	265
30. GERAÇÃO CONECTADA, INFÂNCIA EM RISCO: PERIGOS E CUIDADOS NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DE JONATHAN HAIDT - PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	272
31. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:DESAFIOS E AVANÇOS NA INCLUSÃO - SILVIA HARUE YOGUI	280
32. FRACASSO ESCOLAR E DESIGUALDADES SOCIAIS: O QUE DIRIA PAULO FREIRE E DERMEVAL SAVIANI? - SOLANGE APARECIDA SILVA	287
33. DO CUIDAR AO EDUCAR: CONSTRUINDO AUTONOMIA E IDENTIDADE NA INFÂNCIA - SUELLEN VIDAL ARAÚJO DA SILVA	293
34. GRÊMIOS ESTUDANTIS: HISTÓRICO,LEGISLAÇÃO E FUNÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - SYLAS IVAN RIZZO TUDECH	300
35. TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL: ARTICULAÇÕES ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E POLÍTICA PÚBLICA NA CIDADE DE SÃO PAULO - TÂNIA MARIA PEREIRA CASTRO	306
36. O PAPEL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - THAIS MARANHÃO PEREIRA RODRIGUES	312
37. A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO - VANESSA FERNANDES LEANDRO DE ASSUNÇÃO	322
38. EDUCAÇÃO FEMINISTA: MOVIMENTO SOCIAL ARTICULADO COM A EDUCAÇÃO - VIVIANE MARCIA SANTOS DE MASCARENHAS	328

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



BIOFILIA DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR: COMO FAZER?

JULIANA DA SILVA OLIVEIRA¹

RESUMO: A teoria da biofilia, cunhada por Edward O. Wilson, defende que os seres humanos possuem uma tendência inata de se conectar com a natureza. No contexto escolar, esse princípio pode ser explorado como fundamento para uma educação mais sensível, integradora e voltada ao desenvolvimento integral do aluno. Este artigo discute como implementar práticas pedagógicas baseadas na biofilia dentro das escolas, promovendo ambientes que estimulem o contato direto com o mundo natural e despertem a consciência ecológica desde a infância. A partir de uma abordagem qualitativa e de revisão bibliográfica, são apresentados fundamentos teóricos, exemplos práticos e sugestões metodológicas que favoreçam uma cultura escolar que respeite o vínculo afetivo com a natureza. Conclui-se que promover a biofilia no espaço educativo é mais do que uma inovação pedagógica: é uma estratégia de cuidado com o planeta e com o bem-estar físico e emocional das crianças.

Palavras-Chave: Biofilia; Educação ambiental; Infância; Natureza; Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A crise ambiental contemporânea tem estimulado diferentes setores da sociedade a repensarem a forma como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente. A escola, como espaço privilegiado de formação, não pode estar alheia a essa discussão. Neste cenário, o conceito de biofilia — entendido como o impulso inato dos seres humanos para buscar conexões com a natureza — ganha relevância na construção de uma educação que valorize a sensibilidade ecológica desde a infância.

Edward O. Wilson (1984), renomado biólogo e pesquisador da Universidade de Harvard, foi o responsável por sistematizar o termo “biofilia” em sua obra homônima. Segundo ele, os seres humanos possuem uma afinidade inata com os sistemas vivos — uma predisposição biológica para se conectar emocionalmente com plantas, animais, paisagens e ambientes naturais.

Essa hipótese, que une fundamentos da biologia evolutiva com observações comportamentais, sugere que o vínculo com a natureza foi essencial para a sobrevivência da espécie humana ao longo da história evolutiva, moldando nossos padrões de atenção, nossas emoções e até nossas preferências estéticas. Para Wilson, a privação dessa relação provoca desequilíbrios psicológicos, sociais e ecológicos, pois rompe com uma dimensão essencial da condição humana.

Ao ser aplicada à educação, a teoria da biofilia permite repensar o papel da escola como lugar não apenas de transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas como um espaço vital de conexão com a vida em sua multiplicidade. O ambiente escolar pode e deve ser concebido como um território de experiências autênticas com o mundo natural, no qual as crianças possam explorar, observar, tocar,

¹ Graduada em Pedagogia; Pós-graduada em Educação Infantil. Professora Educação Básica I na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, SEE. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP

cuidar e se encantar com a diversidade da vida. Essa vivência direta com o meio ambiente não é apenas complementar à aprendizagem — ela é parte constitutiva do processo de desenvolvimento integral da criança.

A infância é o período em que a capacidade de se maravilhar com o mundo está mais presente, e é nesse momento que os vínculos afetivos com a natureza são construídos de forma mais intensa e duradoura. Quando a criança planta uma semente, acompanha o crescimento de uma árvore, observa o voo de um pássaro ou sente a textura da terra, ela estabelece uma relação de pertencimento que vai além do conhecimento racional: trata-se de uma conexão sensível, ética e emocional com o planeta. Essas experiências favorecem a emergência de valores como empatia, cuidado, responsabilidade e interdependência, que são fundamentais para a construção de uma consciência socioambiental sólida e duradoura.

A partir dessa perspectiva, o espaço escolar precisa ser repensado para possibilitar vivências que estimulem o sentimento de ligação com a natureza. Isso envolve tanto a criação de ambientes físicos que incorporem elementos naturais — como jardins, pátios verdes, hortas e espaços ao ar livre — quanto a proposição de práticas pedagógicas que favoreçam a escuta do corpo, dos sentidos e dos ciclos da vida. Além disso, é necessário desenvolver projetos educativos que abordem o meio ambiente não apenas como objeto de estudo, mas como parte da existência cotidiana das crianças e das comunidades em que estão inseridas.

Inserir a biofilia como princípio educativo é, portanto, uma maneira de formar sujeitos mais atentos à fragilidade do planeta, mais comprometidos com sua preservação e mais dispostos a transformar os modos de vida baseados na exploração e no consumo. A proposta de Wilson, embora formulada em meados dos anos 1980, mantém-se atual e urgente em um mundo cada vez mais urbanizado, tecnocrático e distante da natureza. Trazer a biofilia para o contexto escolar é, ao mesmo

tempo, um retorno às origens da experiência humana e um movimento de resistência e reinvenção frente às crises contemporâneas que ameaçam a continuidade da vida no planeta.

O presente artigo busca refletir sobre como a biofilia pode ser incorporada no contexto escolar, indo além das práticas tradicionais da educação ambiental. A proposta é apresentar caminhos pedagógicos que aproximem as crianças da natureza de forma significativa e respeitosa, integrando saberes ecológicos ao currículo e aos espaços educativos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A TEORIA DA BIOFILIA

A teoria da biofilia parte da premissa de que os seres humanos têm uma necessidade biológica e psicológica de se relacionar com outros seres vivos. Edward O. Wilson (1984) argumenta que esse impulso evolutivo está na base de muitos comportamentos humanos, inclusive na forma como organizamos os espaços urbanos e sociais. De acordo com Kellert e Wilson (1993), ambientes naturais favorecem o bem-estar, o equilíbrio emocional e o desenvolvimento cognitivo.

No campo da psicologia ambiental, uma ampla gama de estudos tem demonstrado os efeitos positivos do contato com a natureza sobre o desenvolvimento infantil, tanto em termos físicos quanto emocionais, cognitivos e sociais. A presença de elementos naturais nos ambientes em que a criança convive e aprende — como árvores, plantas, animais, sons e cheiros naturais, água corrente, luz solar e ar puro — atua como um fator de proteção diante das pressões e estímulos acelerados do mundo urbano e digital. Esses elementos oferecem à criança oportunidades de pausa, contemplação, encantamento e autorregulação emocional, o que é essencial especialmente nos primeiros anos de vida, quando o sistema nervoso ainda está em processo de maturação.

Estudos conduzidos na área da psicologia ambiental apontam que a natureza tem a

capacidade de restaurar a atenção e reduzir o estresse, atuando como um regulador natural dos estados emocionais. Ambientes com presença de vegetação e elementos naturais são percebidos como mais acolhedores, seguros e tranquilos, o que favorece o desenvolvimento de comportamentos mais equilibrados e colaborativos entre as crianças. Segundo Louv (2011), o afastamento sistemático da infância em relação à natureza tem contribuído para o que ele chama de “transtorno do déficit de natureza”, caracterizado por quadros crescentes de ansiedade, agitação, déficit de atenção e dificuldade de concentração, especialmente em contextos escolares marcados por excesso de estímulos artificiais e espaços reduzidos.

A biofilia, nesse contexto, emerge como um princípio pedagógico e terapêutico de grande relevância. Ao reconhecer o vínculo inato da criança com o mundo natural, as práticas educativas podem ser redesenhadas para oferecer experiências que atendam às necessidades mais profundas de bem-estar, pertencimento e exploração. O estímulo à criatividade, por exemplo, é significativamente ampliado quando a criança tem acesso a ambientes naturais que possibilitam diferentes formas de brincar, imaginar, construir e interagir. Ao invés de brinquedos padronizados e ambientes controlados, a natureza oferece materiais abertos, formas orgânicas e estímulos imprevisíveis, desafiando a criança a tomar decisões, criar estratégias e se expressar com liberdade.

Além disso, o contato com o ambiente natural fortalece as relações interpessoais, pois estimula comportamentos de cooperação, empatia e partilha. Crianças que brincam juntas na natureza tendem a resolver conflitos com mais facilidade, demonstrar maior senso de cuidado mútuo e desenvolver vínculos mais profundos entre si. Isso ocorre porque a natureza, ao propor desafios e encantamentos comuns, convida à construção coletiva de experiências, à observação conjunta e ao diálogo.

Esses múltiplos benefícios tornam a biofilia um fundamento estratégico para a

formulação de políticas públicas voltadas ao cuidado integral da criança. Uma educação que contempla a natureza como dimensão constitutiva da infância contribui para o desenvolvimento saudável e harmonioso dos sujeitos, prevenindo problemas de saúde física e mental, promovendo o aprendizado significativo e reforçando valores como solidariedade, responsabilidade e respeito à vida. Ao inserir a biofilia no centro do planejamento educacional, garante-se não apenas o direito da criança ao desenvolvimento pleno, mas também o direito de viver em um planeta mais habitável, justo e equilibrado.

A ESCOLA COMO ESPAÇO BIOFÍLICO

A inserção da biofilia na escola não se resume ao uso de plantas ornamentais ou à realização de atividades pontuais ao ar livre. Trata-se de uma transformação cultural e espacial do ambiente educativo, no qual a natureza deixa de ser apenas objeto de estudo e passa a ser parte integrante da vivência escolar.

Segundo Orr (2004), uma escola biofílica deve ser concebida como um espaço que não apenas transmite conhecimento sobre o meio ambiente, mas que, em sua própria estrutura, funcionamento e cotidiano, reflita um profundo respeito e compromisso com o mundo natural. Essa concepção rompe com a lógica tradicional da escola como ambiente fechado, artificial e distanciado dos processos ecológicos, e propõe uma visão integrada, em que solo, água, ar, plantas, animais e ciclos da natureza sejam elementos vivos da experiência educativa.

Uma escola biofílica, nesse sentido, não é apenas uma instituição que ensina educação ambiental; ela é, em si mesma, um ecossistema educativo. Isso implica pensar desde a arquitetura física até a organização do tempo e das rotinas pedagógicas, de modo que a natureza esteja presente de forma cotidiana, sensível e significativa. Edifícios escolares podem incorporar princípios de sustentabilidade em sua construção, como iluminação natural, ventilação cruzada, uso de materiais ecológicos e

aproveitamento da água da chuva. Espaços externos podem ser planejados para incluir jardins sensoriais, hortas comunitárias, pomares, viveiros e áreas para brincadeiras em contato com a terra e a vegetação.

Mais do que elementos decorativos, esses espaços cumprem uma função pedagógica central: aproximam as crianças dos ciclos naturais, promovem a observação e a experimentação, despertam a sensibilidade estética e favorecem o cuidado. O envolvimento direto com os elementos da natureza — o plantio, a colheita, o manejo da água, a compostagem, a criação de pequenos animais ou a contemplação de fenômenos naturais — torna-se fonte de conhecimento e, ao mesmo tempo, experiência ética e política.

A gestão do espaço escolar também precisa refletir esses princípios. Uma escola biofílica deve adotar práticas que minimizem o impacto ambiental de suas atividades, como a separação de resíduos, a redução do consumo de energia e papel, o uso consciente da água e a valorização de alimentos naturais e locais. A participação ativa dos estudantes nesses processos é fundamental, pois reforça a corresponsabilidade e o protagonismo na construção de um ambiente escolar mais sustentável.

No campo pedagógico, é necessário que o currículo e as metodologias estejam alinhados com essa proposta integradora. Isso significa promover uma abordagem interdisciplinar que conecte saberes científicos, culturais, artísticos e sensoriais com a vivência ecológica cotidiana. Projetos que envolvem investigação sobre a biodiversidade local, contação de histórias com temas naturais, arte com materiais orgânicos, estudos sobre clima e tempo, ou mesmo caminhadas exploratórias no entorno da escola, contribuem para que os alunos compreendam sua inserção no mundo como parte de um todo interdependente.

A escola biofílica, tal como propõe Orr (2004), deve ser um lugar onde se aprende a habitar o planeta com cuidado, respeito e

responsabilidade. Ao integrar a natureza à arquitetura, à gestão e às práticas pedagógicas, a instituição educativa não apenas ensina sobre ecologia, mas convida a vivê-la em profundidade — formando sujeitos capazes de perceber os vínculos entre vida, cultura e ambiente, e de agir de forma ética diante dos desafios ecológicos do presente e do futuro.

DESENVOLVIMENTO

BENEFÍCIOS DA BIOFILIA PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A infância é uma fase extremamente sensível e formativa na constituição dos vínculos afetivos, das experiências sensoriais e da construção de significados sobre o mundo. É nesse período que as bases da identidade, da relação com o outro e da percepção do ambiente ao redor se estruturam, influenciando profundamente o desenvolvimento futuro da criança. A maneira como a criança interage com seu entorno, especialmente com a natureza, exerce um papel fundamental na formação de suas competências físicas, cognitivas, emocionais e sociais.

O contato frequente com ambientes naturais proporciona estímulos diversificados e ricos, que favorecem o desenvolvimento motor por meio de atividades como correr, escalar, cavar, pular e explorar texturas e superfícies variadas. Esses movimentos, que muitas vezes não são possíveis em espaços escolares fechados, contribuem para o fortalecimento do corpo, o desenvolvimento do equilíbrio, da coordenação e da percepção espacial. Ao mesmo tempo, esses espaços promovem liberdade, autonomia e confiança, permitindo que a criança experimente o risco de maneira controlada e se aproprie de seu próprio corpo.

Do ponto de vista cognitivo, a natureza se apresenta como um cenário dinâmico e imprevisível, que desafia a curiosidade da criança e estimula seu pensamento investigativo. Observar um inseto, acompanhar o crescimento de uma planta ou perceber as mudanças no clima são experiências que aguçam os sentidos,

ampliam o vocabulário e incentivam a formulação de hipóteses, promovendo aprendizagens significativas em diversos campos do saber. Segundo Faber Taylor e Kuo (2009), crianças que interagem com regularidade com ambientes naturais demonstram níveis mais altos de concentração, melhor desempenho em tarefas que exigem atenção sustentada e maior facilidade para resolver problemas de maneira criativa.

No campo emocional, o vínculo com a natureza atua como um potente regulador do humor, das emoções e da estabilidade psíquica, especialmente na infância, fase em que os sentimentos ainda estão em processo de nomeação, elaboração e controle. Ambientes naturais oferecem estímulos que contribuem para o reequilíbrio emocional de forma espontânea e não invasiva. A presença de árvores, flores, água corrente, luz natural e sons da natureza gera uma sensação de acolhimento e serenidade que favorece a autorregulação das emoções e o alívio de tensões acumuladas. Esses espaços, ao contrário de ambientes escolares rígidos e barulhentos, promovem um ritmo mais orgânico de vivência, permitindo que a criança encontre tempo e espaço para se acalmar, reorganizar pensamentos e integrar suas experiências.

Estudos no campo da psicologia ambiental têm demonstrado que o contato com ambientes verdes está relacionado à diminuição de sintomas associados a transtornos de ansiedade, depressão e estresse crônico. Crianças expostas regularmente a experiências ao ar livre apresentam maiores índices de bem-estar subjetivo, redução de comportamentos impulsivos e maior tolerância à frustração. A natureza proporciona, de forma natural, um equilíbrio entre estímulo e silêncio, entre movimento e pausa, ajudando o sistema nervoso a entrar em estados de relaxamento e atenção plena, essenciais para o desenvolvimento emocional saudável.

Além disso, a natureza atua como facilitadora da resiliência emocional, ou seja, da

capacidade da criança de lidar com adversidades, adaptar-se a mudanças e superar desafios cotidianos. A observação de ciclos naturais — como o nascimento, crescimento, morte e renovação das plantas e animais — ensina, de maneira simbólica e concreta, sobre os processos de transformação da vida. Essa compreensão favorece a aceitação de perdas, frustrações e conflitos de forma mais integrada e menos traumática, pois oferece modelos de resiliência presentes na própria lógica da natureza.

Outro aspecto fundamental é o impacto positivo do convívio com outros seres vivos — como plantas, animais e microrganismos — na construção de vínculos afetivos e no desenvolvimento da empatia. Quando a criança aprende a cuidar de uma planta, a alimentar um animal ou a observar a vida de um inseto, ela entra em contato com a alteridade de maneira direta e sensível. Esses cuidados cotidianos ajudam a criança a perceber que o mundo não gira apenas em torno de si mesma e que outras formas de vida também têm necessidades, tempos e modos de existir que merecem respeito e atenção. Esse processo de descentralização do ego é essencial para a formação de sujeitos mais empáticos, cooperativos e éticos.

A vivência com o mundo natural também estimula o senso de responsabilidade, pois convida as crianças a se comprometerem com ações de cuidado concretas, como regar plantas, limpar um espaço coletivo, manter um viveiro ou alimentar um animal. Essas atividades favorecem a internalização de valores de compromisso, constância e zelo, que se refletem positivamente nas relações interpessoais e no senso de pertencimento à coletividade.

Dessa forma, o contato com a natureza não apenas alivia tensões emocionais imediatas, mas atua de maneira profunda na formação da personalidade, dos valores e da capacidade de construir relações saudáveis. Incorporar esses elementos à rotina escolar é uma estratégia de cuidado integral, que acolhe a criança como um ser emocionalmente complexo e em construção,

oferecendo-lhe ferramentas concretas para desenvolver-se de forma mais segura, equilibrada e harmoniosa com o mundo que a cerca.

Socialmente, o contato com a natureza também favorece o desenvolvimento de atitudes colaborativas. Brincar ao ar livre em grupos, compartilhar descobertas, trabalhar em projetos de cultivo ou conservação do ambiente estimula a cooperação, o diálogo e a construção de regras coletivas. Crianças expostas a ambientes naturais demonstram maior sensibilidade às necessidades do outro e disposição para resolver conflitos de forma não violenta, contribuindo para a formação de relações interpessoais mais saudáveis e respeitadas.

Portanto, ao reconhecer a infância como um momento privilegiado para o fortalecimento do vínculo com a natureza, a escola assume um papel fundamental na promoção de uma educação integral, que contempla o desenvolvimento de todas as dimensões humanas e que prepara os sujeitos para uma convivência mais harmoniosa e ética com o planeta.

Além disso, o vínculo com a natureza promove valores como empatia, respeito e solidariedade, elementos fundamentais para a formação cidadã. Ao cuidar de uma horta escolar, observar o ciclo de vida de um inseto ou simplesmente brincar em um espaço arborizado, a criança se reconhece como parte de um todo interdependente, desenvolvendo uma ética ecológica baseada na convivência e na cooperação.

ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A BIOFILIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Incorporar a biofilia no ambiente escolar exige planejamento cuidadoso e intencionalidade pedagógica que vá além da inserção pontual de atividades ao ar livre. É necessário pensar a escola como um organismo vivo, que se transforma junto com as experiências das crianças, criando vínculos verdadeiros entre o espaço educativo e o mundo

natural. Essa integração deve ocorrer tanto no currículo quanto na gestão dos espaços físicos e nas relações humanas que se estabelecem no cotidiano escolar.

Entre as ações que se mostram mais eficazes nesse processo, destaca-se a criação de hortas pedagógicas, que não apenas estimulam o contato direto com a terra e o cultivo de alimentos, como também possibilitam aprendizagens interdisciplinares. Ao cuidar de uma planta, a criança desenvolve noções de responsabilidade, observa processos biológicos, realiza medições e cálculos, amplia o vocabulário e constrói uma consciência alimentar crítica. Trata-se de uma prática que articula conhecimentos de ciências, matemática, linguagem, saúde e cidadania de forma integrada, contextualizada e prazerosa.

Outra estratégia potente é a realização de aulas em ambientes externos, como jardins, parques, praças e pátios arborizados. A natureza, nesses casos, deixa de ser um cenário e passa a ser coautora do processo educativo. A mudança do espaço de aprendizagem proporciona estímulos sensoriais diversos, favorece a concentração, reduz os níveis de estresse e amplia o envolvimento dos alunos com os conteúdos. Quando essas aulas ao ar livre são planejadas com objetivos claros, tornam-se experiências marcantes que ampliam a compreensão do mundo e fortalecem o vínculo das crianças com o meio ambiente.

Atividades de observação da fauna e da flora local também são excelentes oportunidades para desenvolver habilidades investigativas. Observar o ciclo de vida de uma borboleta, o movimento das formigas, as cores das folhas nas estações do ano ou o canto dos pássaros ao amanhecer, desperta o interesse científico de forma natural. Esses momentos não apenas estimulam a curiosidade e o pensamento crítico, como também promovem o respeito pela diversidade da vida e reforçam o lugar da criança como parte integrante dos ecossistemas.

O brincar livre em espaços naturais é igualmente indispensável. Diferente de

atividades dirigidas com objetivos previamente definidos, o brincar espontâneo em contato com elementos naturais favorece a criatividade, a autonomia, o equilíbrio emocional e a construção de vínculos afetivos com a natureza. Brincar na terra, na água, entre árvores ou pedras, permite que a criança explore seus sentidos, desafie seu corpo, invente mundos e elabore suas emoções de maneira rica e complexa. Esse tipo de vivência contribui para o fortalecimento da saúde física e mental, além de resgatar a conexão instintiva e ancestral do ser humano com os ambientes naturais.

Mesmo em espaços internos, é possível promover a biofilia por meio da inserção de materiais naturais na sala de aula. O uso de sementes, folhas, pedras, galhos, conchas e outros elementos do ambiente estimula a exploração sensorial, favorece a criatividade e proporciona novas possibilidades de linguagem e expressão. Esses materiais, quando integrados a propostas artísticas, científicas ou narrativas, enriquecem o repertório das crianças e ampliam suas formas de interação com o conhecimento e com o mundo.

Todas essas ações, quando conduzidas com intencionalidade e sensibilidade, não apenas promovem o aprendizado em múltiplas áreas do conhecimento, como também fortalecem o senso de pertencimento das crianças ao mundo natural. Elas aprendem, assim, que fazem parte de uma rede viva de relações e que seu bem-estar está diretamente ligado ao cuidado com o ambiente ao seu redor. A escola torna-se, então, um espaço que não apenas ensina conteúdos, mas que forma sujeitos ecológicos, conscientes, empáticos e comprometidos com a preservação da vida em todas as suas dimensões.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Apesar das múltiplas evidências científicas que apontam os benefícios da biofilia para o desenvolvimento integral das crianças — como o aumento da atenção, a redução do estresse, o fortalecimento de vínculos afetivos e a ampliação da consciência ecológica — sua

implementação nas escolas enfrenta desafios concretos que vão desde questões estruturais até limitações de ordem formativa e cultural.

Um dos principais obstáculos refere-se à limitação dos espaços físicos disponíveis nas instituições escolares, especialmente em contextos urbanos. Muitas escolas públicas, em áreas densamente habitadas, possuem infraestrutura reduzida, com pouca ou nenhuma área verde, o que dificulta a realização de atividades ao ar livre e o cultivo de ambientes naturais dentro da rotina escolar. Esse fator espacial, somado ao planejamento urbano excludente que negligencia a presença de natureza nos bairros periféricos, contribui para a manutenção de uma escola desconectada do ambiente natural e presa a espaços fechados e artificiais (LOUREIRO, 2012).

Outro desafio importante diz respeito à pressão por resultados acadêmicos imediatos e pelo cumprimento de conteúdos curriculares normativos. Em muitos contextos escolares, o foco ainda está centrado em avaliações padronizadas, metas de desempenho e planejamento fragmentado por disciplinas, o que dificulta a adoção de práticas integradoras e interdisciplinares que dialoguem com a proposta biofílica. Atividades ao ar livre, por vezes, são vistas como “tempo perdido” ou como um luxo que compete com o ensino considerado “conteudista”, perpetuando a visão tradicional de aprendizagem desvinculada da experiência sensorial e do ambiente (GUTIERREZ & PRADO, 2020).

Adicionalmente, a carência de formação dos educadores para trabalhar com práticas ambientais de forma crítica e integrada constitui um dos maiores entraves à efetivação da biofilia no cotidiano escolar. Muitos professores não tiveram, durante sua formação inicial, contato com abordagens que valorizem o vínculo com a natureza como dimensão pedagógica central. Como consequência, há insegurança metodológica, dificuldade em planejar propostas interdisciplinares e, muitas vezes, resistência à inovação (LOUREIRO, 2012). A educação

ambiental, quando presente, é comumente tratada de forma superficial ou desvinculada das realidades sociais, culturais e territoriais dos alunos.

Esse cenário é agravado pela ausência de políticas públicas voltadas à requalificação dos espaços escolares e à formação continuada dos profissionais da educação com enfoque ecológico e decolonial. Sem investimentos institucionais que estimulem a transformação dos espaços físicos e simbólicos da escola, a biofilia corre o risco de se tornar um discurso inspirador, mas de difícil concretização.

No entanto, é justamente diante desses desafios que se reafirma a necessidade de ressignificar o papel da natureza no ambiente educativo. A superação desses entraves exige vontade política, planejamento coletivo, criatividade pedagógica e o fortalecimento de redes colaborativas entre escolas, universidades, movimentos sociais e comunidades locais, capazes de transformar as práticas escolares e torná-las mais coerentes com os princípios da sustentabilidade e do cuidado com a vida.

Para enfrentar essas barreiras, é fundamental que a biofilia seja incorporada de forma transversal no projeto político-pedagógico da escola, com o envolvimento da gestão, da equipe docente, das famílias e da comunidade. A formação continuada dos professores também é essencial, com foco em práticas pedagógicas que articulem natureza, cultura e território.

CONCLUSÃO

Reconhecer a biofilia como elemento central no processo educativo significa reposicionar a natureza no cerne da formação humana, entendendo que a relação com o meio ambiente não deve ser periférica ou secundária na prática pedagógica. Esse reconhecimento representa uma mudança de paradigma que rompe com a lógica tradicional da escola desconectada do mundo natural, muitas vezes centrada apenas em conteúdos abstratos, tecnológicos e dissociados da realidade sensível das crianças.

Valorizar a biofilia na educação é também reconhecer a importância do afeto, da empatia e da experiência concreta como caminhos para o conhecimento. Ao proporcionar às crianças vivências que envolvem o toque na terra, o cheiro das plantas, a escuta dos sons naturais e a contemplação de paisagens vivas, a escola amplia as possibilidades de aprendizagem, integrando corpo, mente e emoção. Essas experiências sensoriais e estéticas não apenas estimulam o desenvolvimento cognitivo, mas fortalecem vínculos afetivos com o mundo, favorecendo a formação de uma consciência ética voltada para o cuidado, a solidariedade e a preservação da vida.

Do ponto de vista investigativo, o contato direto com a natureza desperta a curiosidade e o desejo de compreender os ciclos, os fenômenos e os seres vivos que nos cercam. A criança passa a desenvolver uma postura de observadora, cientista e cuidadora do ambiente, aprendendo por meio da experiência e da interação com o real. Essa abordagem favorece aprendizagens significativas, construídas em diálogo com o território e com os contextos em que as crianças vivem.

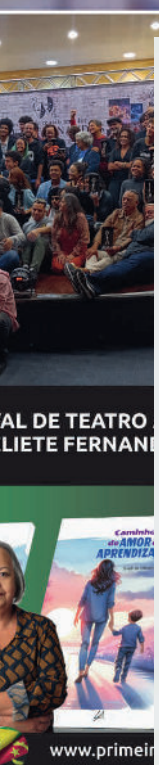
Mais do que uma inovação ou uma proposta metodológica pontual, a biofilia representa uma resposta urgente aos desafios do século XXI. Diante das mudanças climáticas, da perda da biodiversidade, do esgotamento dos recursos naturais e do aumento da desconexão emocional com o planeta, é fundamental que a escola se posicione como um espaço de resistência e reconstrução de vínculos entre o ser humano e a natureza. Ao cultivar a sensibilidade ecológica desde a infância, a educação contribui para a formação de sujeitos conscientes de seu papel na manutenção do equilíbrio ambiental e na construção de um futuro mais justo, sustentável e solidário.

Portanto, inserir a natureza no cotidiano escolar não é um luxo nem um recurso opcional: é uma necessidade vital para a educação do presente e do futuro. Cabe à escola criar ambientes e propostas que despertem o

encantamento pelo mundo natural e desenvolvam o compromisso com a vida em todas as suas formas, promovendo uma cultura de cuidado que ultrapasse os muros da instituição e se estenda para a comunidade, o território e o planeta.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- FABER TAYLOR, A.; KUO, F. E. Children with attention deficits concentrate better after walk in the park. *Journal of Attention Disorders*, v. 12, n. 5, p. 402–409, 2009.
- KELLERT, S. R.; WILSON, E. O. (Orgs.). *The Biophilia Hypothesis*. Washington: Island Press, 1993.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Educação ambiental crítica: fundamentos e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2011.
- ORR, David W. *Earth in mind: on education, environment, and the human prospect*. Washington: Island Press, 2004.
- SOBEL, David. *Childhood and nature: design principles for educators*. Portland: Stenhouse Publishers, 2008.
- WILSON, Edward O. *Biophilia*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>



COORDENAÇÃO:
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

- Ana Maria Dainauskas Soares
- Angélica Rodrigues Valentin
- Angelina de Fátima Chitundo Estêvão Yopilo
- Áurea Carvalho de Souza
- Daniel Pedro José
- Daniela dos Santos Magalhães
- Domingos Elias Sachico
- Domingos Fernando Cassuende Lucunde
- Dorivaldo da Graça Guedes Tavares e Edmilson dos Prazeres da Silva
- Edson Maria Sebastião Jorge
- Elisete Vicente da Silva Oliveira
- Estevão Quixina Cassule
- Eunice Muansa Mueshi
- Feliciano da Cruz Vicente Manuel
- Fernando Sanji
- Fortuna Neto Figueiredo Vitangui
- Girlene Nascimento da Silva Mantovani
- Ingrid da Silva Cavalcante de Paula
- Joaquim Pereira Bravo
- José Campos Kifuba
- Juliana da Silva Oliveira
- Luzinete Bispo dos Santos
- Manuel Esteves Mutalo Coa
- Manuel Ligas António
- Maria Aparecida Armandilha Nunes
- Marcelo Santos de Mascarenhas
- Maria Mvú André Dondo
- Mariangela de Jesus Chagas
- Mirella Clerici
- Nelito António
- Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
- Silvia Harue Yogui
- Solange Aparecida Silva
- Suellen Vidal Araújo da Silva
- Sylas Ivan Rizzo Tudech
- Tânia Maria Pereira Castro
- Tháís Maranhão Pereira Rodrigues
- Vanessa Fernandes Leandro de Assunção
- Viviane Marcia Santos de Mascarenhas

Indexadores:



Parceiros:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

